



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS**

Svetla Edite Fortes Pereira de Borja

**Cabelos Afros e a Identidade Negra: processos de afirmação e de empoderamento na  
UNILAB**

Redenção- CE

2017

Svetla Edite Fortes Pereira de Borja

**Cabelos Afros e a Identidade Negra: processos de afirmação e de empoderamento na  
UNILAB**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão I no Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Vera Regina Rodrigues da Silva

Redenção- CE

2017

Svetla Edite Fortes Pereira de Borja

**Cabelos Afros e a Identidade Negra: Processos de afirmação e empoderamento na UNILAB**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão I no Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Vera Regina Rodrigues da Silva.

Data da aprovação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Vera Regina Rodrigues da Silva

(Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Jaqueline da Silva Costa

Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

(UNILAB)

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Sueli da Silva Saraiva

Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

(UNILAB)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço profundamente a todos que estiveram envolvidos nessa etapa da minha vida, desde os meus pais Ausenda Maria Figueiredo Fortes Borja e Vasco da Cruz Pereira de Borja e a minha tia Cira Maria Silva Gonçalves que sempre me apoiou e incentivou a vir estudar no Brasil, a minha querida orientadora que foi a minha primeira professora Negra aqui na UNILAB, a todos os meus colegas e amigos que fizeram parte da minha caminhada me apoiaram desde sempre, e a todos as mulheres negras feministas e empoderadas que me inspiraram e ajudaram na realização deste trabalho.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>DADOS DE IDENTIFICACAO DO PROJETO.....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>DELIMITAÇÃO DO TEMA.....</b>	<b>8</b>
<b>3</b>	<b>OBJETIVO.....</b>	<b>9</b>
<b>3.1</b>	<b>Objetivo Geral.....</b>	<b>9</b>
<b>3.2</b>	<b>Objetivos Especificos.....</b>	<b>9</b>
<b>6</b>	<b>JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>10</b>
<b>5</b>	<b>FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....</b>	<b>14</b>
<b>6</b>	<b>INTRODUCAO.....</b>	<b>15</b>
<b>7</b>	<b>EMBASAMENTO TEÓRICO.....</b>	<b>21</b>
<b>8</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
<b>9</b>	<b>TÉCNICAS DE PESQUISA.....</b>	<b>27</b>
<b>10</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>42</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

### **Resumo**

Este trabalho tem grande importância pois trata a temática relacionada aos cabelos afros quer sejam eles cacheados ou crespos pelas estudantes que se consideram negras na UNILAB com um olhar objetivo sobre os processos que levam essas estudantes africanas e brasileiras a se assumirem como negras perante o contexto em que estão inseridas independentemente das mesmas serem de países e realidades culturais diferentes e quais são os processos que levam ao empoderamento nesse meio acadêmico. Este trabalho tem como objetivo compreender os processos de autoafirmação da identidade negra a partir dos cabelos afros das estudantes negras quer sejam elas brasileiras ou africanas de todos os cursos na UNILAB. Trata-se de um estudo de caráter qualitativo a partir da revisão de literatura e grupo focal constituído por 08 mulheres que se veem como negras, do projeto de pesquisa da autora Vera Regina Rodrigues da Silva intitulado *Entre Iracema e Negra Nua : processos identitários entre jovens afro brasileiros e mulheres negras na UNILAB*. Como base metodológica a autora priorizada é (AGUIAR;2015) pois dialoga horizontalmente com o tema proposto onde trata alguns pontos chave, como identidade negra e a trajetória do indivíduo negro em busca da afirmação de sua identidade a partir da estética de seus cabelos.

**Palavras-chave: Identidade negra ; Empoderamento; Transição capilar; Afirmação .**

## **1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO**

Esse trabalho é realizado pela discente Svetla Edite Fortes Pereira de Borja, discente do curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da UNILAB, sob a orientação da Professora Doutora Vera Regina Rodrigues da Silva docente do Instituto de Humanidades e Letras, que está vinculada a área de pesquisa, com ênfase as populações afro brasileiras, atuando nos temas como Identidade, Educação, Racismo, Relações étnico raciais e Cultura.

## **2. DELIMITAÇÃO DO TEMA**

Tratar a temática dos cabelos afros como meio de mediação nos processos de afirmação da identidade negra e empoderamento através das vivências das estudantes brasileiras e africanas que se auto declaram como negras na UNILAB.

### **3. OBJETIVOS**

Identificar os processos que se dão na UNILAB sobre a afirmação da identidade negra e sobre os processos nele envolvidos e de como se dá o empoderamento desses indivíduos negros através da estética dos cabelos afros.

#### **3.1. OBJETIVOS GERAIS**

Compreender os processos de autoafirmação da identidade negra a partir da dos cabelos Afros das estudantes negras quer sejam brasileiras ou estrangeiras de todos os cursos na UNILAB.

#### **3.2.OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Abordar a motivação pessoal das estudantes no processo de autoafirmação de sua identidade negra através da estética negra; Compreender como o meio acadêmico influenciou ou não pela busca da identidade negra; Analisar os processos que levaram ao empoderamento dessas mulheres negras.

#### 4. JUSTIFICATIVA

Tendo em conta que o ambiente acadêmico propicia a tomada de novas atitudes perante o modo de se ver e de estar na sociedade, e que a UNILAB é composta de alunos de vários países Lusófonos, não há de todo uma homogeneidade estética e física nesses alunos aqui presentes. Devido ao constante contato com ancestralidades africanas e afro-brasileiras, visto que a raça desses povos pertencentes a comunidade da CPL, deu-se através da junção do branco colonizador com o negro escravizado oriundo dos países do continente africano, à exceção do Brasil que acrescenta-se ainda o Indígena (povos nativos do Brasil), vê-se aqui uma particularidade então nos laços históricos e culturais de países com a herança africana e afrodescendente.

A UNILAB propicia quer nas atividades culturais alusivas às independências dos países da CPLP (Comunidade de Países da Língua Portuguesa) quer dentro das salas de aula, nas disciplinas de estudos Africanos e Afrobrasileiros, quer pelo choque de culturas ( indivíduos com ideologias e valores culturalmente distintos), e não só transmitidos por grande parte dos alunos dos diferentes países da Lusofonia nos limites da UNILAB.

As experiências vivenciadas pelas estudantes negras (tanto brasileiras como africanas) na UNILAB, num país aonde o padrão ideal de beleza é (de forma racionalizada) o branco e eurocêntrico, de cabelo liso e longo, instigou que esse trabalho analisasse os processos de busca pela Identidade negra e empoderamento Afro. É nessa tomada de consciência negra que dá-se também pela afirmação dos cabelos naturais, ou seja através da estética dos cabelos afros, para além da valorização das origens africanas ou afro-brasileiras e/ou pela cor da pele, onde com o foco, na forma de como essa união de culturas num mesmo espaço fechado leva a essas estudantes negras, à busca do empoderamento pela estética negra e ao fortalecimento da representatividade negra aqui na UNILAB.

Perante os conflitos ideológicos no espaço acadêmico num país regido pelo mito da democracia racial, onde algumas das estudantes africanas já chegam ao Brasil com o seu cabelo natural e das que não tinham o cabelo natural, pois usavam químicas para alisar o mesmo, passam a assumir o seu cabelo quer seja ele crespo ou cacheado de forma natural, sem o uso de qualquer produto químico. Esse fato social não deve passar despercebido, pois esse fato não isolado motivou que se estudasse do porquê das estudantes negras quer sejam elas brasileiras ou africanas passaram a assumir o seu cabelo crespo ou cacheado recusando até a data das entrevistas o alisamento como parte do seu cotidiano e aceitando o natural como parte de sua identidade.

Procura-se saber mais a fundo como se deu essa necessidade de se auto afirmar através da estética e não só, pois para se assumirem os cabelos afros, precisam antes de se assumirem como mulheres negras, sendo que o cabelo afro é um dos mais notórios fenotipos do indivíduo negro e através do seu interior que é a própria identidade e o sentimento de pertença afrodescendente, que segundo (KING,2015 apud SANTOS, 2015) “os cabelos são considerados [...] elementos marcantes da beleza feminina [...] a “moldura do rosto”, o cabelo pode dar informações sobre as origens , pertencimento a grupos sociais [...].”

Podemos nos questionar de que esse trabalho fala sobre cabelos, mas essa palavra carrega com ela vários significados, significados esses que ganharam notoriedade com o movimento social *Black Power* que surgiu nos anos 1960 nos Estados Unidos e foi pioneiro contra a ditadura dos padrões europeus onde a beleza da mulher seria a de cabelo liso e pele branca, e em contraste a isso os seus percursos saíam as ruas exibindo os majestosos cabelos afros com a estrutura para cima e para os lados, e de presença marcante, características opostas ao padrão da época do cabelo liso, comportado, com movimento suave quer fosse ele loiro ou castanho ou preto.

O cabelo crespo no estilo *Black Power* trazia consigo ideologias com o intuito de “desafio ao padrão do cabelo liso, com a libertação do cabelo crespo para transmitir todo o ideário de resistência e empoderar mulheres e homens negros com conscientização de que seus traços naturais são também lindos, conforme aponta (SANTOS,2015). E assim dá-se a luta individual e coletiva para mudar o estereótipo sobre o cabelo afro e o indivíduo que o “veste”, no meio da comunidade acadêmica, e parte-se do princípio de que aqui no Brasil o “padrão ideal é branco mas o real é negro e mestiço” (GOMES , S/D). Com isso, surge a constante necessidade dessas mulheres negras se auto afirmarem diante da sociedade padronizada onde o belo é equivocadamente o traço do branco, o feio e inferior é o traço do corpo/indivíduo preto e com isso, dá-se o empoderamento, uma das palavras mais usadas por esse grupo de mulheres.

Esses e outros pontos são parte da ideologia de vários estudantes quer sejam eles brasileiros ou estrangeiros (no que toca a reprodução de estereótipos racistas), pois a colonização das mentes deixou sequelas que marcam até hoje as trajetórias sociais e pessoais de várias pessoas no modo como ele se adapta a um meio, a exemplo da UNILAB onde se conhecem pessoas de outro lugar e outros países onde tinham-se hábitos, cultura e costumes por vezes totalmente diferentes do “outro”.

Na esfera nacional tanto aqui no Brasil, como em alguns outros países da comunidade da CPLP, tem-se buscado uma ressignificação indenitária onde busca-se mostrar

que o cabelo e aparência natural do negro também é belo, de que o cabelo afro pode ser visto como lindo como disse o ativista negro Sul-africano Steve Biko que criou essa frase, reproduzida por uma das ativistas negras Kathleen Cleaver em um dos vídeos mais sobre o cabelo black e o movimento dos Black Panther na década de 90. Afirmando então que a estética do branco e do negro apenas são diferentes, no caso do cabelo crespo, além da importância física ele acarreta seu significado estético de sedução e vaidade, significados sociais, culturais, religiosos e políticos (SANTOS, 2015). Essa era a base ideológica do movimento *Black Power*, que até hoje, os Movimentos Negros procuram mostrar o orgulho de pertencimento e identidade afrodescendente que a sociedade sempre deslegitimou ser digno de se exaltar a negritude através da estética. Vê-se a cada dia neste espaço acadêmico cada vez mais mulheres negras de cabelos afros cujo muitas passaram ou estão passando pela Transição Capilar<sup>1</sup>, vê-se também olhares atentos e surpresos pela nova “moldura” no rosto de cada uma dessas mulheres negras e dentre os vários questionamentos positivos ou negativos. Como nos afirma a entrevistada-1 “*não sei como é que você tem coragem de andar com o cabelo desse jeito*” – Jezabel do Nascimento. Esse estranhado “ato de coragem” muitas vezes teve origem na “força” que cada uma dava para a outra nos bate-papos da página *online* da rede social *Facebook* sobre cabelos afros (Afro UNILAB).

Esse espaço foi criado segundo um membro do grupo –Entrevistada -4 - Maise Soares, com o intuito de ajudar umas às outras a passar pela transição e na fase da aceitação pessoal. Esse evento não isolado (aceitação pessoal perante uma sociedade padronizada e de visão euro centrada) precisa ser estudado e documentado, pois surge aqui uma nova força de mulheres negras que lutam dia após dia descobrindo a si mesmas em relação ao sentimento de pertença e em relação a sua identidade negra, através do empoderamento pela da estética, elas têm se afirmado cada vez mais dentro e fora da UNILAB.

Hoje a luta para afirmar a identidade negra é mais do que um simples símbolo indenitário, se tornou uma ferramenta política na UNILAB e não só, e é através dos cabelos afros que se empoderam essas mulheres e esse símbolo de resistência da camada estudantil dá um passo de extrema importância, que conforme a entrevistada -2 “*Meu cabelo, minha raiz, minha identidade...*” – Vanusa Tavares. Esse caso aqui estudado abrange a uma camada que

---

<sup>1</sup> Transição capilar como um ritual físico, iniciando com a decisão própria de parar com o tratamento químico sobre os cabelos, passando para a paralisação do uso de produtos modificadores da estrutura capilar, como chapinha e escova e sendo finalizado com a retirada total do fio químico através do BC ou *Big Chop* ou “grande corte”. (AGUIAR, 2015)

na sua maioria é jovem, feminina e negra, que nos mostra a necessidade de haver nesse espaço acadêmico diálogos estabelecidos como forma de “a afirmação das raízes e do corpo negro como legítimo e belo [...] para o reconhecimento do cabelo crespo como símbolo de identidade e raiz [...]” (SANTOS,2015). Vê-se nos atos dessas mulheres aqui citadas que a luta de valorização de suas origens e traços indentitários lhes permitiu se situarem melhor, fora de suas zonas de conforto, porém fazendo alusão ao lugar de pertença através de seu fenotipo (cor) e estética (cabelo). Assim se expressa a entrevistada-3 “*a pessoa olha pra mim e já sabe de onde eu sou ... a minha origem*” – Maria da Luz.

## **5. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA**

O que leva as estudantes a deixar de usar processos químicos para alisar os cabelos e a assumir seus cabelos naturais? O ambiente cultural na UNILAB e a fusão de várias culturas afro centradas facilita essa tomada de consciência da identidade negra? O empoderamento e uma das vias utilizadas para combater estereótipos raciais?

## 6. INTRODUÇÃO

Com o foco no cabelo afro, ou seja, cabelo esse cuja sua textura e fenotípo da raça negra, denominados de cabelos crespos e/ou cacheados, procura-se entender todo o contexto sobre os cabelos e a identidade negra que andam de mãos dadas, pois não se pode pensar a identidade de um indivíduo, sem levar em conta as suas características físicas, seus sinais diacríticos, que permite localiza-lo num espaço cultural.

Antes de sairmos de casa a primeira coisa com que a maioria das pessoas se preocupa, principalmente as mulheres, é se o cabelo está “apresentável”. Durante e após a adolescência é de se dizer que o cabelo é um dos fenotipos mais utilizados para formar a aparência de um indivíduo, é parte da sua personalidade e serve também como mecanismo de sedução e vaidade.

Desde a época da antiguidade, no antigo Egito, rainhas dos reinos africanos, um dos maiores ícones e símbolos sexuais como Marilyn Monroe (consagrada Modelo e Atriz dos anos 90), a ativista norte-americana Ângela Davis entre outros, sempre tiveram cabelos com penteados ou características marcantes e no caso desses dois últimos citados, ditaram tendência e marcaram época.

Por ser na Universidade onde a maioria dessas mulheres negras aqui estudadas se assumiu como negra para si, ou seja, diante do “espelho” e para o “outro”, na sociedade em que se encontra inserida, é que se torna ainda mais difícil esse processo de afirmação da identidade negra, que visto de “fora” pode ser um ato de rebeldia à ideia do belo, “fora do padrão”, um desleixo na aparência estética, num mundo disfarçado de homogeneidade que muitas não sabem ou não entendem que “a partir do questionamento sobre o padrão estético, ocorre um processo de valorização de “suas raízes” ao assumir seus cabelos naturais gerando uma nova visão de beleza sobre si” (AGUIAR, 2015). Essas mulheres quebram barreiras sobre um padrão eurocêntrico e criam para si, na sociedade em que se encontram, uma nova ideia do belo a partir de suas origens afroenraizadas.

Especificamente o cabelo afro sempre sofreu menções estereotipadas como sendo de traços raciais inferiores aos padrões vigentes que são os traços finos, a pele clara e cabelos lisos e "comportados" do “branco”. Em contrapartida o cabelo do negro sempre foi visto como algo feio, inferior, ruim e duro, e é desse modo que “ o movimento negro brasileiro toma o cabelo natural como símbolo de afirmação da identidade [...] uma regra contrária à

regra vigente e se a regra é alisar o cabelo visando dissimular a sua condição étnica racial, a contra regra é afirmar os fenótipos , não alisar o cabelo (FIGUEIREDO, 2002).

Assim como o Inglês é uma das línguas mais faladas no mundo, pelo fato dos Estados Unidos liderarem a hegemonia mundial em vários sentidos principalmente economicamente, os padrões de beleza impostos na nossa sociedade modificam-se de acordo com a época.

O padrão ideal de cabelo há umas décadas (1929) atrás era predominantemente cabelo liso de comprimento médio longo e escuro como o de Audrey Hepburn e épocas depois, equivocadamente o padrão ideal era cabelo liso, de comprimento médio curto, um pouco enrolado na ponta e loiro como o de Marilyn Monroe. É nesse sentido então, que dada a invisibilidade e negação da estética dos cabelos afro do indivíduo negro, e a preferência pelo padrão do indivíduo “branco”, que suas características fenotípicas sempre foram “associado à feiura, à burrice, à sujeira [...] em contraposição ao branco, visto como bom, belo e justo“ (FIGUEIREDO, 2002).

Como nos afirma a entrevistada-6 sobre os comentários negativos em relação ao seu cabelo ao deixa-lo natural, sem uso de químicas alisantes – *“Minina ajeita esse cabelo ... o teu cabelo tá horrível”* - Ivonizete Araújo.

Partimos do ponto que segundo a autora, os membros da militância negra na sua maioria com formação superior se “descobriram negras quando tentaram sair do lugar ao qual tradicionalmente a sociedade relega esse segmento étnico – racial, se confrontando com barreiras no processo de ascensão social“ (PEREIRA, 2010 apud AGUIAR,2015).

É exatamente essa questão que o meio acadêmico da UNILAB nos faz dialogar com as diferentes culturas presentes, cujos indivíduos partilham de um sentimento de pertença ou não, da identidade negra. Especificamente sobre o olhar da mulher negra nesse meio acadêmico, partilhamos assim uma opinião de que a mulher guineense é diferente estetica e fisicamente da mulher moçambicana ou brasileira, mesmo quando as mesmas partilham de uma descendência afro centrada.

Porém essas mulheres negras que ocupam um mesmo espaço físico, vindas de realidades diferentes, partilham um mesmo sentimento, que é a questão da “rejeição e aceitação a qual o negro convive ao se relacionar com os seus aspectos diacríticos [...] que a manipulação do negro como técnica corporal como logica cultural que acompanha o modo de ser do negro e da negra [...] vem desde a África pré colonial, e a manipulação corporal, dos negros africanos, brasileiro e grupos étnico raciais é diversificada devido ao local em que o sujeito está contextualizado” (GOMES, 2008apud AGUIAR, 2015).

E assim é formada a sociedade onde o indivíduo negro de encontra presente, pois é entre aceitação e rejeição de sua aparência física e estética, quer por si mesmo quer pelo “outro”, que esse indivíduo procura equilibrar a noção de estar dentro dos padrões e se inserir assim em qualquer meio, e em contrapartida valorizar a sua origem que aqui no caso é afrodescendente e a depender do meio social, não estar dentro dos padrões da mesma. Como nos explicam as mulheres negras presentes na UNILAB oriundas de diferentes países, grande parte delas modificaram ou moldaram seus cabelos desde muito novas. Como nos demonstra a entrevistada 6 “*Cortei o meu cabelo aos 11 anos*”, Ivonizete Araújo. Ou como salienta a entrevistada- 1- “*Com 12 anos a minha mãe alisou o meu cabelo, porque ela não tava conseguindo pentear*”, Jezabel Nascimento. Com nos afirma a entrevistada - 3 “*Eu via minha mãe passando o produto para alisar, e eu queria também, tanto que até chorava*”, Maria da Luz.

Apesar de as mesmas terem tido realidades culturais diferentes, contextos, hábitos e valores diferentes, na sua grande maioria dividiram a mesma opinião sobre o porquê de alisarem o cabelo ainda na adolescência. Essas mulheres Negras aqui estudadas não tiveram necessariamente de estar num mesmo espaço físico e cultural para dividirem a opinião de que desde muito cedo tiveram que modificar a textura de seus cabelos, cujos motivos que as levaram para tal, na grande maioria eram os mesmos, ou descontentamento com a textura do cabelo ou influencia e/ou vontade de ter um cabelo liso de textura aparentemente europeia. A relação entre “eu” e o meu cabelo, dum modo geral, estes processos atingem:

Tanto a mulher negra quanto a branca, mas devido a história de significações negativas relacionadas ao corpo da mulher negra, o processo discriminatório se institui de forma intrínseca já na infância, onde já se encontra perceptível a negação a modificações de emblemas negros, em sua grande maioria permanecendo nas próximas fases da vida. (AGUIAR, 2015).

E por isso, a grande maioria das entrevistadas afirmou ter modificado seus cabelos desde muito cedo, quer tenha sido por descontentamento (textura volumosa, grossa, ruim, difícil de pentear ou lavar) quer pela vontade ou preferência de ter um cabelo liso (porque é o tipo de cabelo que várias personalidades renomadas usam é considerado "mais comportado") por esse ser mais bonito de se ver ou fácil de cuidar/tratar( pensamento de algumas das entrevistadas antes da tomada de consciência negra).

A mulher negra sempre sofreu com o estereotipo sobre os seus traços estéticos e físicos

A inserção da mulher negra na sociedade brasileira sempre implicou em representações determinadas a respeito do seu corpo a partir da exploração sexual, exploração do corpo como força de trabalho, como meio de alimentação e saúde a

partir da amamentação de crianças brancas [...] a atribuição de beleza a corpos afrodescendentes se fez presente apenas a partir do processo de miscigenação, quando foi exaltada a figura da “mulata tipo exportação” como um estereótipo na construção da nacionalidade. (AGUIAR, 2015).

Não se questiona ou se estranha quando uma mulher negra nega a sua identidade e raça negra, perante uma sociedade que inferioriza as suas características afro centradas há séculos e que até hoje procura visibilizar o trabalho feito desde o movimento Black Power pelos Panteras Negras nos Estados Unidos da América até a atualidade por vários coletivos de mulheres negras quer nos espaços urbanos quer no meio académico, que segundo a autora “Não é de se estranhar a não aceitação pois a aparência do cabelo natural do negro nunca foi aceita socialmente” (AGUIAR, 2015).

O que observa-se aqui na UNILAB, são mulheres conscientes de suas origens e traços físicos ditos “fora do padrão”, onde se afirmar através da estética e não só, é importante que a mulher negra seja empoderada e empodera as que estão a sua volta e traga a tona questões ligadas a identidade e gênero também e o quão é importante falar de forma crítica sobre um assunto tão vasto que há séculos invisibiliza e inferioriza essa camada (mulheres negras), que também há beleza do corpo/individuo negro e tem importância na sociedade, pois para além de mostrar que é um ser belo, mas também intelectual, crítico e consciente em relação a vários assuntos no cotidiano em que ele se insere e nos assuntos que pairam diretamente sobre a comunidade negra.

Basicamente o trabalho pessoal e coletivo dessas mulheres, serve como mecanismo para quebrar barreiras racistas e estereotipadas negativos onde o negro é visto como inferior e empoderar as suas protagonistas numa sociedade onde elas se encontram na base da pirâmide social, no que toca as oportunidades entre gênero e as raça.

Pois, esse fenótipo de que “o cabelo cacheado/crespo mais especificamente o da mulher negra, sofre discriminação desde a época da escravatura, onde dependendo do formato do cabelo a escrava era liberada ou não para trabalhos dentro da casa do senhor (GOMES, 2008 apud FIGUEIREDO, 2002). Até nos dias atuais ainda causa conflitos internos nesse indivíduo, que vê-se estereotipado de forma negativa na sociedade quanto a sua aparência estética e conflitos externos pois ele se nega ou afirma perante o outro, esse outro que é a sociedade, o seu meio familiar, o meio escolar e também no meio profissional.

*“Modifiquei o meu cabelo para me adaptar à sociedade...mas porquê que eu tenho que me adaptar à sociedade?”* – Entrevistada - 6 – Ivonizete Araújo.

Então surge a necessidade de se “camuflar” perante um espaço académico que privilegia principalmente a estética da mulher branca como modelo de beleza feminina.

Ressaltamos que aqui na UNILAB não é tão explícito essas diferenças ou preferências entre uma mulher de estética branca ou negra, pois por se falar atualmente sobre racismo e xenofobia e não só, tem-se tomado uma certa cautela sobre o que se dizer ao outro, lembrando que vivemos no país do mito da democracia racial, é então nas entrelinhas, nos elogios e conselhos sobre a aparência da mulher negra, que se vê onde mora o preconceito, pois ao contrário do que várias mulheres negras já ouviram sobre “porquê que você não corta; alisa; prende esse cabelo“, comentários como esses raramente feitos a mulher de estética branca com cabelos lisos.

Assim como nos explica a entrevistada -2 - *“Sai da frente que o teu cabelo ta incomodando ... é capaz de você mesmo pensar que ta feio”* – Vanusa Tavares (22 anos, Bacharel em Humanidades, Graduanda em Pedagogia). É difícil se pensar positivo em relação a identidade, para esse indivíduo negro/ preto, onde tudo relacionado a si é feio, anormal, mal comportado, poucas são as pessoas que a priori aceitam e afirmam o seu cabelo afro de forma natural perante uma sociedade que critica e rejeita o seu cabelo de forma negativa. “Essas representações foram constituídas mediante a ótica eurocêntrica que institui sentidos de “normalidade” e “anormalidade”, estabelecendo como norma padrão [...] os indivíduos que não correspondem a esse padrão são vistos como desviantes, abjetos e excluídos socialmente“ (FERNANDES et al, 2016).

Situações como essas num ambiente escolar, onde a maioria desses estudantes não debateu questões ligadas a estereótipos e padronização estética com base europeia desde o ensino primário, é no ensino superior que ele reproduz o discurso eurocêntrico que para além de serem marcas do pensamento colonial, e ideias pré-concebidas sobre um assunto, como o típico discurso equivocado de que o cabelo do negro é feio, sujo e sinônimo de desleixo, partem da ideia defendida pelas autoras de que:

Num país cujos donos do poder descendem de escravizadores a influência nefasta da escola se traduz não apenas na legitimação da situação de inferioridade dos negros, como também na permanente recriação e justificação de atitudes e comportamentos racistas [...] a inculcação de imagens estereotipadas induz a criança negra a inibir suas potencialidades, limitar suas aspirações profissionais e humanas e bloquear o pleno desenvolvimento de sua identidade racial. (FERNANDES et al, 2016).

E assim vários indivíduos de pele negra e cabelos crespos ou cacheados (principalmente os de cabelos crespos pois +e o que sofre mais estigma racial) não se sentem bem consigo mesmos, pois aprendem a reproduzir de forma negativa sobre seus traços fenotípicos, mesmo isso remetendo-as a ideia de pertencimento africano, e por isso, até hoje e

infelizmente amanhã, haverá pessoas que dirão que seus cabelos são: duro, ruim, feio, difícil de pentear, ou de que o cabelo liso combina mais com as suas feições. Por isso a escolha de grande parte dessas mulheres negras, em alisar o cabelo afro desde muito novas, visto que +e um processo que afeta as mesmas da-se necessidade de mudar os discursos racistas sobre a inferioridade da estética negra e da mulher negra na sociedade, mostrando a comunidade Unilabiana e nao so, de que a ambas as estéticas podem ser belas.

Como nos aponta a entrevistada- 5 *“Quando cheguei aqui na Unilab é que eu fui entender... que o cabelo também tinha significado... o que era o meu cabelo ...”* - Lusiane Silva. Ou como nos afirma a entrevistada – 1 *“passei a entender que o meu cabelo seria a minha porta de entrada, carta de apresentação enquanto mulher negra, aqui no Brasil”* – Jezabel Nascimento.

A autora Aguiar (2015) nos posiciona de que o ato de se assumir como mulher negra de cabelos naturais quer sejam eles crespos ou cacheados é uma forma de se quebrarem padrões e desconstruírem-se ideologias euro centradas sobre a ideia do belo na sociedade em que vivemos, “questionamento ao padrão de beleza sobre o cabelo, desconstruindo a ideia vigente, de que apenas o cabelo liso é bonito, ideia essa que resulta na afirmação construída socialmente de que outras formas (de cabelos, grifos meus) não possuem características que devem ser assumidas“.

## 7. EMBASAMENTO TEÓRICO

Neste trabalho priorizamos as autoras GOMES (2002;2007), AGUIAR (2015), e FIGUEIREDO (2002), que dialogam diretamente com os objetivos desse trabalho pois tratam a temática de forma crítica com foco em questionamos em torno ao indivíduo negro em que ele se insere.

O ambiente acadêmico e cultural da UNILAB nos traz questões variadas sobre identidade visto que aqui se encontram presentes 7(sete) nacionalidades distintas, mas com uma peculiaridade em comum que é a afro descendência, exceto Timor –Leste. É nesse intuito que vemos nesse trabalho uma necessidade de questionar os fatos sociais que aqui decorem, visto que habitamos um espaço culturalmente misto num país onde ainda paira o Mito da Democracia Racial<sup>2</sup>.

É de se notar que essa integração entre os países lusófonos aqui na UNILAB trouxe consequências positivas e negativas relacionadas à identidade e sentimento de pertença que nos remete diretamente aos sinais diacríticos que são eles que nos situam o lugar de origem de um determinado indivíduo tendo em conta que “o modo como os sinais diacríticos, os símbolos utilizados para assinalar pertença étnica diferem a depender do contexto em que são inseridos“ (CRUZ e FIGUEIREDO, S/D).

Perante a vigência de padrões europeus nessa sociedade, desde a época da escravidão já se procuravam formas de modificar o cabelo do negro, e com o tempo esse estereótipo sobre o cabelo afro trouxe na base dos nossos discursos, através da colonização das mentes, o pensamento de que o cabelo afro é símbolo de inferioridade e sinônimo de desprezo, até mesmo para esse indivíduo afrodescendente. Assim o alisamento, para indivíduo negro “reforça a negação de cabelos crespos dentro desta sociedade que tem em sua origem o profundo histórico do racismo” (KING, 2015 apud GOMES, 2002).

Mesmo tendo várias mulheres que têm optado pelo cabelo natural, muitas aqui ainda “camuflam” ou modificam a aparência de seus cabelos naturais através de extensões (cabelos sintéticos), tranças e/ou alisamentos e em meios a aceitação e recusa muitas lutam para aprender a gostar e aceitar os seus cabelos naturais. Assim mesmo que de forma inconsciente

---

<sup>2</sup>Segundo Kabenguele Munanga “esse mito já faz parte da educação brasileira [...] apesar de desmistificado pela ciência [...] qualquer brasileiro de vê através desse mito. Se você pegar um brasileiro até em flagrante em um comportamento racista e preconceituoso, ele nega. É capaz de ele dizer que o problema está na cabeça da vítima que é complexada, e ele não é racista. Isso tem a ver com as características históricas que o nosso racismo assumiu, um racismo que se constrói pela negação do próprio racismo”.

o Negro sempre camuflou a sua estética preta, mestiça para se enquadrar na sociedade, numa tentativa (quase fracassada) de se livrar dos estereótipos sobre o cabelo afro, pois o cabelo não se separa completamente do corpo negro, mesmo após o alisamento do cabelo afro ainda recai sobre o indivíduo negro questionamentos sociais sobre a sua inferioridade, esse processo de alisamento que procura “amenizar” os estereótipos sobre uma classe social, no final mostramos que o “buraco é mais em baixo”

No seio da sociedade que normatiza e estereotipa a raça negra, o cabelo do negro é visto como ruim, culminando a expressão do racismo e da desigualdade racial [...] a tentativa do negro se ressignificar a sua estética através de artifícios mecânicos como o alisamento é na verdade uma maneira de tentar sair do lugar da inferioridade ao qual lhe foi imposto por conta de seus traços biológicos. (SANTOS et al, S/D).

A construção da identidade social do indivíduo “se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social [...] a identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente [...]”. (CUCHE,1999 apud AGUIAR, 2015). Assim entra a influência desse ambiente acadêmico da UNILAB para a construção ou reformulação da identidade de cada indivíduo negro aqui estudado/pesquisado.

Partimos do pressuposto de que o indivíduo como ser social está em constante descoberta sobre si e sobre a sua identidade pessoal cujo somos moldados a depender do meio em que nos encontramos inseridos, desde a família até aos espaços de relações sociais como por exemplo a escola, um adolescente traz de casa valores características que lhe foram transmitidas no meio familiar, no caso específico aqui estudado, há 7 diferentes realidades culturais e infinitas outras realidades familiares para esses indivíduos que se encontram inseridos num mesmo espaço acadêmico, onde até indivíduos de um mesmo país não detêm de uma mesma realidade e hábitos sociais.

Visto que muitos dos estudantes da UNILAB ingressaram na universidade ainda adolescentes, é nessa fase (adolescência) que começam os conflitos de identidade onde a sua personalidade sofre diferentes mutações em toda e cada etapa escolar. É nesse sentido que, observar de que forma a fusão de culturas influencia no sentimento de pertença de cada indivíduo em questão e de como a sua identidade é modificada ou moldada devido ao espaço que ele habita, hoje fora da sua zona de conforto, sendo que

O processo indenitário é conflitivo pois, parte da afirmação do “eu” diante do “outro”, e essa forma como o “eu” se constrói está constantemente relacionado com a forma que o “outro” enxerga e nomeia o “eu” [...] essa construção da identidade do negro se dará não apenas num olhar interno do próprio sujeito que vivencia esta

condição, mas também da interação social com que se apresenta “fora” do indivíduo (GOMES,2008 apud AGUIAR, 2015).

Os indivíduos trazem consigo uma marca da sociedade em que vivem na sua identidade, personalidade, crenças e no modo de pensarem e agirem sobre o mundo que os rodeia, tendo em conta essas 7 nacionalidades aqui presentes é um encontro de bastante choque cultural, pois a condição de se inserir e adaptar a um espaço diferente ao espaço nativo, anteriormente habitado e a capacidade de se relacionar com o “outro” (vindo de uma realidade por vezes totalmente diferente da sua), não é igual para todos e varia em muitas vezes drasticamente de um indivíduo para outro, pois traz-se de “casa” e da “rua” para o meio acadêmico todas essas ideologias e discursos que foram impressos de forma consciente ou inconsciente no meio em que vivemos desde crianças.

E com isso, trazem-se também os pré-conceitos e estranhamentos que vêm à tona quando se relacionam “diferentes”, ou seja, quando dois “estranhos” ou mais se relacionam num mesmo espaço, principalmente porque muitos têm uma diferença visível física e esteticamente.

Conforme Gomes, (2008) apud Aguiar, (2015) “no âmbito escolar brasileiro as questões raciais como a expressão estética negra, não são discutidas, o que permite uma intolerância à estética, reforçando valores presentes no universo social”. E acrescenta-se ainda que principalmente aqui no Ceará, nega-se a presença de negros escravizados e assim influencia o modo de como alguns brasileiros não se veem como afrodescendentes, o que distancia o reconhecimento do indivíduo negro e de sua estética. É então esse não dialogar sobre questões raciais que trazemos questões e ideias pré-concebidas sobre um determinado assunto para o meio universitário com posicionamentos mais formados ou formulados sobre o que a sociedade nos mostra ser inferior e estereotipado que é a estética do indivíduo negro.

Procuramos mostrar com esse trabalho que apesar de todo um trabalho social e político que já se faz há décadas pelos movimentos negros, quer dos Panteras Negras e outros pioneiros do Movimento Negritude, ainda hoje se questiona a invisibilidade da estética e identidade negra na nossa sociedade e de como essa falta de tolerância leva consequência negativas para o meio universitário pois “a escola, nos remete a considerar que o âmbito escolar não proporciona ou fomenta atitudes ou reflexões sobre a diversidade que abrangem este ambiente” (SANTOS et al, S/D).

O ato de se empoderar dentro da UNILAB, começa pelo sentimento de pertença às raízes africanas, de que tem-se no DNA o sangue Africano, e com isso vem o ato de se auto

declarar como negra perante os outros que nem de longe é uma tarefa tão fácil como nos parece. Entre o ato de se aceitar a si mesma pela cor da pele e pelo cabelo natural sem química (à priori vista na sociedade como cabelo ruim) como nos demonstra a entrevistada-5, Lusiane Silva (\_\_\_ anos, Brasileira Graduada em Humanidades) de que há um espaço entre se aceitar a si mesma e se aceitar perante os julgamentos da sociedade.

É nesse momento que entra o ato de empoderar-se através da estética negra, e durante esse intervalo onde pairam os questionamentos para consigo mesma entre deixar de ser “escrava da chapinha” ou assumir o cabelo que a sociedade denomina de cabelo “ruim” cabelo “duro” e deslegitima como digno de ser usado naturalmente com volume para cima ou para os lados, é um árduo caminho a percorrer até que se tenha orgulho ao se olhar no espelho como nos conta a entrevistada-3 Maria da Luz - “ *Cortei e desde ai decidi que não queria mais alisar... é uma maneira de não negar as minhas origens* “.

Segundo as autoras Ana Lucia da Ressureição Santos, Milena Barbosa Conceição, Dayane Brito os cabelos representam um “elemento fundamental na personalidade humana [...] até mesmo do poder e da força [...] conserva ainda um profundo valor simbólico como preservação de cultura e resistência” (SANTOS et al S/D), esse poder é demonstrado na ousadia dessas mulheres negras dentro do espaço acadêmico onde o ato de empoderar-se é sinônimo de desafiar o mundo padronizado.

Andar pelos corredores da UNILAB com um cabelo estilo *Black Power* é um ato libertador para as mesmas, é um modo de dar um basta a estereótipos de que só a beleza da mulher branca de cabelos lisos e longos é apreciável e admirável. Empoderar-se perante a sociedade começou principalmente no espaço acadêmico para essas mulheres que se declaram como negras onde “o conceito de empoderamento torna-se o fio condutor desta nova discussão sobre afirmação estética onde o cabelo como signo de negritude deixa de ser um elemento negativo e se ressignifica na diáspora como impulsor do enfrentamento ao racismo“ (MATTOS, 2015).

Por isso essa luta para se afirmar através da estética é coletiva, pois a coragem de uma é a inspiração de outra e a representatividade para a geração que está por vir. Procura-se através desse ato social, pessoal e também político, dar vez e voz a si mesma como, mulher negra, mulher, mulher empoderada, mulher feminista, mulher consciente das suas origens e através desse assumir-se perante o outro, dar espaço para que outras mulheres se afirmem também quer sejam elas negras, morenas, crespas ou cacheadas. Vemos nessas mulheres que essa palavra traz um significado forte, complexo onde expressa tanto a individualidade do eu

me empodero, eu me afirmo, como o coletivo onde existe um nós nos empoderamos, nos afirmamos, onde uma “vai subindo e dá a mão para a outra”.

Onde também diante dos padrões existentes na sociedade Brasileira e não só o indivíduo negro e a sua estética afro são instrumentos de afirmação indentitária e empoderamento “*eu e o meu cabelo somos resistência*” – entrevistada – 1 -Jezabel Nascimento. É no posicionamento crítico sobre as suas características naturalmente afro centradas como cabelo crespo, nariz e/ou lábios grandes, pele preta ou negra, e na busca de visibilidade positiva sobre seus traços diacríticos, na quebra e padrões eurocêntricos regentes, que há séculos sofre com discursos de inferioridade estética, e na importância da luta para ganhar notoriedade, poder de escolha para si mesma (em relação à aparência estético-racial), quebrar estereótipos em torno ao corpo negro que se inicia o processo de se empoderar para essas mulheres negras. Para a maioria foi aqui na UNILAB que deu-se esse processo onde anteriormente nem estava como “pauta de discussão” sobre o modo de como elas são vistas na sociedade, “*Tenho 37 anos e só há um ano e meio que sou mulher negra... eu não me via como mulher negra ... foi quando as africanas chegaram aqui com os seus cabelos naturais , deslumbrantes*” ... “ conforme a entrevistada – 6 Ivonizete Araújo ( 37 anos , Brasileira , Graduada em Humanidades)”, ou como nos conta a Entrevistada -1 Jezabel Nascimento – “*Quando vim ao Brasil, comecei a pensar sobre identidade ... em Cabo verde a gente não pensa sobre questões étnico-raciais*”.

## **8. METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo qualitativo, com a observação participante nas rodas de conversa sobre “Mulheres negras, cabelo e identidade“, que fazem parte do projeto intitulado *Entre Iracema e Negra Nua: processos identitários entre jovens afro-brasileiras e mulheres negras na UNILAB* da autora Vera Regina Rodrigues da Silva. O texto final sera organizado em capitulos: Capitulo I : Quem sou eu e de onde vim ; Capitulo II : A transicao e o transitar-se; Capitulo III: O empoderar-se .

## 9. TÉCNICAS DE PESQUISA

A Técnica utilizada será um grupo focal constituído por 08 mulheres negras, que se reconhecem como negras/pretas, e que tem um posicionamento crítico sobre o tema, algumas se veem como ativistas negras, são estudantes da UNILAB, que se situa em Redenção, interior de Fortaleza no Estado do Ceará, de nacionalidade Brasileira, Cabo Verdiana e Santomense, que participaram de 04 rodas de conversas sobre ” Mulheres negras , cabelo e Identidade” do projeto *Entre Iracema e Negra Nua : processos identitarios entre jovens afro brasileiras e mulheres negras na UNILAB* da autora Vera Regina Rodrigues da Silva, entre os meses de Maio a Julho de 2017.

## **A pesquisa terá como Capítulo I:**

### **O questionar-se sobre a própria identidade**

Falar sobre identidade é reconhecer-se como um indivíduo X ou Y pertencente a um determinado espaço social, cultural e político. Como havíamos falado anteriormente, para muitas dessas mulheres aqui na UNILAB, foi somente no meio universitário que se descobriram como negras ou pretas (expressão usada principalmente pelas africanas).

Então acrescenta-se aqui, que essa tomada de consciência sobre a própria identidade racial, mais do que se recolher como tal, é preciso antes sermos questionados pelo outro sobre quem somos, é preciso sairmos da nossa zona de conforto, para nos questionarmos sobre quem somos como indivíduos perante ao “outro” que é diferente do “eu”. Foi o que aconteceu no meio acadêmico, foi após questionamentos e afirmações que a maioria das entrevistadas nos mostra, que acharam a necessidade de refletir para consigo mesmas, e assim remetem as origens, que no caso é afro centrada como método de refletir sobre si no meio inserido e de assinalar uma pertença de acordo com os traços físicos e estéticos.

O assumir-se como descendente de africanos ou afro-brasileiros não é tão fácil como quando falar sobre o assunto, segundo as entrevistadas. A teoria e a prática têm uma longa via até se encontrarem e dialogarem em harmonia, principalmente porque a construção da nossa personalidade e identidade é algo mutável e em constante transformação é um longo e conflituoso caminho percorrido.

A “estrada” chamada orgulho negro, é uma estrada longa, onde a caminhada começa num simples questionamento, sobre “quem sou eu“. Segundo (AGUIAR, 2015) “A identidade é construída por processos históricos e pelo contexto no qual o indivíduo está inserido, o que vai contra a ideia inicial de uma identidade estabelecida biologicamente, e de uma cultura estática e fechada, formadora de um indivíduo unificado“.

Sendo assim, o fato de vivermos num mundo globalizado onde muitas sociedades “pegam” influências de outras culturas para si e assim também o modo de estar, pensar e se relacionar, o mesmo acontece no modo de se ver como um ser individual pertencente a uma determinada comunidade.

Temos de entender que a construção da identidade do um indivíduo negro é peculiarmente mais conflituoso, pois ele sempre sofreu com comentários estereotipados sobre o seu corpo, cabelo e outras características fenotípicas, e não só, pois o simples fato dele ser um indivíduo negro socialmente visto como um ser inferior e já acarreta vários tabus e preconceitos em torno do mesmo, é esse “estigma que impede o negro de desenvolver um sentimento de pertencimento racial e paralelamente construir a autoestima baseada numa identidade racial positiva“ (FERNANDES et al, 2016) e por isso a trajetória da busca pela identidade e reconhecimento da origem e estética negra/africana é um viés conturbado e recheado de dúvidas. Sendo assim entende-se um pouco a trajetória dessas mulheres que para se reconhecerem como afrodescendentes e depois assumirem-se como negras perante a sociedade, é um passo enorme que dura na grande parte das vezes anos até se chegar ao patamar de dizer-se ter orgulho de suas origens e estética preta/negra. E por isso são raros os relatos de nossas entrevistadas que mostram esse orgulho ainda em suas “zonas de conforto” (onde a percepção do "outro" sobre o "eu" não realçada, como nos afirma a Entrevistada- 8 Luizela Cabral (25 anos, Santomense, Graduanda em Agronomia), de que nunca achou a necessidade de alisar os cabelos e que umas das formas de representatividade que a mesma tinha, era do incentivo do Pai em manter os cabelos naturais, pois neles se encontram a nossa africanidade.

Apesar das mesmas não terem tido a mesma realidade no meio em que elas cresceram e estudaram, a sua grande maioria sempre viu de forma negativa os seus traços fenotípicos dado ao estigma social que o indivíduo negro se vê num padrão imposto desde a época colonial. Trata-se da constituição de uma “identidade rotulada que se estabelece mediante a anulação da capacidade autônoma de identificação, produzindo um a internalização do estigma [...] imposto socialmente“ (FERNANDES et al, 2016).

Por isso a facilidade de se decidir alisar os cabelos ainda muito nova, a dificuldade de parar com os alisamentos e extensão de cabelos sintéticos e por vezes a ausência de questionamentos de sua identidade na anterior zona de conforto (onde o "eu" não é questionado pelo "outro"). Esse processo de se reconhecerem como pertencentes a uma cultura afro centrada, que se deu na sua grande maioria no ensino superior, é graças aos questionamentos e ensinamentos sobre a identidade, história e cultura negra no espaço acadêmico é que esse despertar sobre si não se deu de forma isolada “o acesso ao ensino superior e o contato com os estudos étnicos – raciais possibilita a construção da identificação com processos afrodescendentes“ (AGUIAR, 2015).

Para o “eu” se questionar perante o “outro” pelas diferenças ou similitudes, foi preciso o “eu” se reconhecer como igual a um “outro” que na verdade eram diferentes. No caso da UNILAB segundo a entrevistada Ivonizete Araújo, que antes de entrar na Universidade ela não se reconhecia como negra, foi preciso no espaço Unilabiano reconhecer-se como semelhante na presença das africanas que vinham do continente africano com os seus cabelos naturais e exuberantes, que era nessas diferenças e que elas tinham algo em comum que é a identidade afro descendente, com base nos sinais fenotípicos do indivíduo negro. “Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração” (FERNANDES et al, 2016). No caso das estudantes africanas aqui estudadas, apesar de não gostarem dos seus traços fenotípicos anterior a vida universidade devido ao padrão imposto eurocentrado, foi aqui na UNILAB que passaram a se afirmar como mulheres negras pois antes o "eu" não era tão questionado perante "outro".

Assim ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. “Ser negro é tornar-se negro” (SOUZA apud FERNANDES et al, 2016). O papel individual e coletivo desses membros da comunidade Unilabiana é, para além de se assumirem como negros, saber a importância disso e dar espaços a esses diálogos dentro e fora do espaço acadêmico de forma crítica e de forma a desconstruir discursos de mentes colonizadas e alienadas numa sociedade racista e desigual.

Assim como a trajetória das mesmas se iniciou com a tomada de consciência para si na grande maioria na UNILAB, não foi na escola, não foi no país de origem, foi somente no espaço universitário para a maioria das entrevistadas, mas há que se dizer “mais vale tarde do que nunca”. Vimos aqui que há uma necessidade, não de recuperar o tempo perdido, mas de ser-se mais “produtivo” em relação a questões sobre identidade, preconceito, racismo e omissão dos sinais fenotípicos, que começa em ver na experiência da colega que apesar de não ter sido fácil essa trajetória, de que os “nossos passos vem de longe” pois ainda há muito que se fazer até que a outra colega /amiga/irmã se liberte da ideia de negação de sua origem africana ou afro-brasileira e/ou seus traços estéticos e para que hajam aberturas para diálogos a respeito desses assuntos relacionados as diferenças culturais sociais e étnicas do mundo todo e com todas as classes e comunidades. E que como vimos as mesmas não tinham uma ideia centrada em relação a essas questões antes da vida Universitária. O papel da UNILAB sendo um espaço de diálogo de seres diferentes, sobre as suas similitudes e contrastes, ela deve ser:

Uma escola apta a favorecer as diferenças [...] desconstruir estereótipos e preconceitos em relação à sua origem e adquirir o sentimento de pertença [...] a

escola não pode ser um espaço de alienação da negritude e de expropriação do corpo negro, mas espaço que valorize a autenticidade e originalidade, extirpadas pelo racismo. (FERNANDES e tal, 2016).

E seus protagonistas que são hoje essas mulheres conscientes de suas origens e orgulhosas de seus traços físicos estéticos a dar espaço para tal, elas não esperaram para que houvessem só debates ou oficinas sobre cabelos, identidade e negritude para se posicionarem como tal , foi um conjunto de todas essas questões que as permitiu dialogar com elas mesmas e com as outras mulheres , foram os conflitos de identidade no espaço acadêmico , foi um simples olhar para uma mulher de aparência fenotipa X e cabelo Y e se identificar ou inspirar, foi um vídeo no *Youtube* de uma mulher negra que fala sobre cabelos afros.

E assim, sendo algo que não vem no currículo, que é a tomada da consciência negra partindo do questionamento de quem sou eu e de onde vim “a escola pode assim possibilitar ao aluno negro um questionamento sobre o seu corpo que não o leva a tentativa de fazer-se branco, mas tornar-se negro.” (FERNANDES et al, 2016).

### **No Segundo capítulo da pesquisa será analisada a importância da transição capilar**

O reconhecer-se como um indivíduo pertencente a uma descendência afro enraizada foi um passo longo duradouro e sofrido como aqui observado. Para essas mulheres o assumir-se começa por apagar-se as marcas físicas de silenciamento de seu pertencimento que começou pelo alisamento do cabelo Afro ou o não questionamento sobre a sua identidade e origem, sobre o “quem sou eu“ ou de “onde vim “ .

No caso específico aqui estudado, as africanas e afro brasileiras ao se assumirem como negras e pertencentes a uma identidade afro centrada, usam de um dos maiores e mais notáveis sinais fenotípicos que é o cabelo natural “no caso dos coletivos negros, trata-se de uma reconfiguração da identidade, fazendo-se uso de marcadores corporais para a ressignificá-los positivamente“ (AGUIAR, 2015).

As mulheres que detêm o cabelo crespo ou cacheado segundo a autora, as principais características que marcam cada tipo, no caso “o cabelo cacheado possui um comprimento maior, definição, mais sedosidade e ondulação [...] e o crespo possui volume maior, é seco, não define a ondulação[...]” (AGUIAR, 2015). Discordamos aqui totalmente com a autora no que toca as características dos mesmos, pois a depender do tipo de pessoa com o seu tipo próprio de cabelo e jeito peculiar de tratar do mesmo, a sedosidade, comprimento ou volume é um detalhe, pois as nossas entrevistadas que detêm o cabelo crespo por exemplo, verificou-se um crescimento considerável num curto espaço de tempo (ao contrário do que diz o ditado popular de que cabelo crespo, cabelo “ruim” não cresce) e a sedosidade, volume ou definição variam, no modo de como cada uma cuida diariamente ou semanalmente do cabelo, e nos produtos e técnicas que cada uma usa para o seu tipo específico de cabelo.

Das mulheres com cabelos afros quer sejam eles crespos ou cacheados, que optam por alisar o cabelo, dentre muitos outros motivos para além do estigma sobre o seu corpo, discursos racistas e origem inferiorizada socialmente é também:

O movimento de rejeição, aceitação a qual o negro convive ao se relacionar com seus aspectos diacríticos... que a manipulação do cabelo do negro como técnica corporal e como lógica cultural, que acompanha o modo de ser do negro e da negra [...] vem desde a África pré-colonial, e a manipulação corporal, dos negros

africanos, brasileiros e grupos étnicos –raciais é diversificada devido ao local em que o sujeito está contextualizado. (GOMES, 2008 apud AGUIAR, 2015).

O cabelo sendo algo moldável, na fase anterior se apagava as marcas identitárias de pertencimento negro/preto, nessa fase transitam num espaço físico e emocional em que os cabelos deixam de ser alisados ou quimicamente tratados e adota-se a aparência natural do cabelo. “O “em transição “ precede um processo transitório de mudança [...] entende-se que as mulheres se auto definem possuidoras de um cabelo não padronizado esteticamente e que se encontram em estado de recomposição de um cabelo não liso[...]” (AGUIAR, 2015). E Segundo a autora a transição capilar é um processo ao qual várias mulheres no mundo inteiro passam por isso. Viu-se na transição capilar um jeito de regressar as origens e um caminho para se empoderar através de seus cabelos naturais.

E desse modo quase todas as mulheres aqui entrevistadas já passaram ou estão passando por esse processo em questão. Mas porquê a transição? É preciso entendermos antes, que desde sempre os discursos sobre a aparência do negro a nível mundial foram negativos, na condição de um ser inferiorizado e excluído. Então “por vezes os negros são levados ao ódio com relação ao seu corpo e à sua condição, enveredando-se em um processo de autodestruição que se inicia pelo “apagamento“ de marcas físicas (branqueamento físico, mutilações, ente outros) e psíquicas (negação de sua condição física de negro)” (GOMES, 2008 apud AGUIAR, 2015). Dado a isso a esmagadora maioria das nossas entrevistadas modificaram seus cabelos usando químicas alisantes e assim a maioria delas de alguma forma era descontente com a textura ou volume de seus cabelos naturais “A mulher negra, por não estar associada ao padrão estético, busca sempre maneiras de se incluir na estética normativa.” (GOMES, 2008 apud AGUIAR, 2015).

A transição capilar não é somente um processo físico é primeiramente emocional, pois é preciso o “eu” se aceitar como mulher negra ou preta pertencente a origem africana ou afro-brasileira, e assim aceitar que essa marca corporal em questão, o cabelo crespo ou cacheado, fale por si como individuo consciente que valoriza os seus sinais diacríticos e hoje não os esconde ou omite com alisamentos e tratamentos químicos. Essa transição é dolorosa pois até se ouvir inspiradoras frases vindas do orgulho do seu afro,

Como nos destaca a entrevistada -2- Vanusa Tavares “*meu cabelo , minha raiz , minha identidade...* “, frase como esta, foi preciso a mesma traçar um longo caminho, cheio de incertezas e questionamentos sobre como o “outro” reagiria a sua nova aparência (com o cabelo natural) e sendo a transição um processo lento, durante a mesma, houve dúvidas por

arte das nossas entrevistadas em relação a fazer o *Big Chop* e deixar a química de vez e certos “desânimos” sobre continuar a transição ou voltar a alisar, voltando assim com o uso de químicas que modificam a textura dos fios e na grande maioria os torna Lisos.

Segundo a entrevistada -1 a sua mãe alisava o seu cabelo desde muito nova “[...] a pratica de alisamentos é comum entre mulheres negras, se tornando um rito entre mães filhas e irmãs, sendo realizado na cozinha com o protagonismo do pente quente” (HOOKS, 2005 apud AGUIAR, 2015). Isso porque mesma não a conseguia pentear, é dessa desinformação anterior, que muitas não sabiam como lidar com os seus cabelos, e que várias mulheres, crianças e adolescentes alisavam e algumas ainda detém dessa desinformação, pois muitas caem na ilusão de que só os cabelos lisos são a solução e continuam alisando (com exceção as entrevistadas até a data das entrevistas)

Dentro do patriarcado capitalista – o contexto social e político em que surge o costume entre os negros de alisarmos os nossos cabelos... e com frequência, indica um racismo interiorizado, um ódio a si mesmo que pode ser somado a uma baixa autoestima. (HOOKS, 2005 apud AGUIAR, 2015).

Dado a isso são raros os casos de mulheres negras que desde sempre tiveram orgulho de seus cabelos e nunca quiseram o modificar ou moldar.

Hoje graças a plataforma virtual *Youtube* muitas dessas mulheres puderam aprender, através de vídeos e depoimentos de bloqueias negras, cacheadas ou crespas, a cuidar do cabelo natural e a adaptar para si (pois ainda não haviam produtos específicos para tal) produtos e técnicas, “comunidade virtual [...] contribuindo assim para o empoderamento sobre questões que não se encontravam sob o poder desses indivíduos [...]” (AGUIAR, 2015).

E na época a grande desses produtos capilares era a base de frutas e oleos e plantas naturais como (óleo de coco, abacate, ovo, babosa, azeite, maionese) que ajudassem a manter o cabelo natural, ou em transição, de forma bonita, macia e apresentável:

Apesar de ser um ritual comum entre mulheres Negras, que constitui uma relação íntima de criatividade e mudança, ela diz que há uma obsessão pelo alisamento dos cabelos e este fator deve ser discutido de forma seria pois há uma insistência “em se aproveitar da insegurança que nós mulheres negras sentimos com respeito a nosso valor na sociedade de supremacia branca” (HOOKS, 2005 apud AGUIAR, 2015).

Assim como a autora nos explica, mesmo depois de várias dúvidas em continuar a transição, descontentamentos com a textura do cabelo durante a mesma, desânimos com o comprimento do cabelo, pois a grande maioria “começa do zero” com é o *Big Chop*. Para ajudar a transitar essa fase conturbada, usa-se de mecanismos como as tranças, os turbantes, apliques com cabelos sintéticos e outras técnicas para disfarçar as diferentes texturas que o cabelo em transição tem (pontas esticadas, raiz volumosa, fios ondulados).

Ainda assim pensa-se, de forma inconsciente, de que o cabelo liso é o mais fácil de tratar e pentear, de que a solução para esses problemas durante a transição é voltar ao alisamento, sem contar a vergonha vivida, por não se ter um único formato de cabelo ou textura ainda definida. Muitas das frustrações aqui encontradas durante essa fase, a maior é porque o cabelo fica com duas ou mais texturas, pois fica a parte com química a parte intermediária e a parte natural que vai crescendo e ainda tem que se lidar com o fator encolhimento que nada mais é o encolhimento dos fios naturais e por isso, muitas mulheres na transição não vêem o crescimento dos fios, pois o mesmo encolhe no pouco que cresce.

Para além de todos esses pontos acima citados ainda tem a questão de enfrentar as críticas, olhares negativos e até mesmo comentários preconceituosos, para além da rejeição de alguns companheiros “A modificação de emblemas corporais os quais estão definidos a partir de uma padronização estética instruída socialmente, tem como consequência, processos discriminatórios devido a estereótipos fixados sobre a aparência física (BRETON, 2007 apud AGUIAR, 2015). E por isso muitas se envergonham e durante quase toda a transição usam tranças com cabelos sintéticos.

Os cabelos afros são divididos em tipos A, B e C a depender da textura dos fios, ou seja, da estrutura dos fios (com mais ou menos definição formando cachos) “os cabelos cacheados e crespos são divididos em tipos baseados em sua estrutura [...] são eles: 3A, 3C, 4C e 4C” (VIANA, 2015 apud SANTOS, 2015).

Concordamos com a autora de que não deveria existir um padrão para cada tipo de cabelo, pois acaba-se por ignorar a existência de outros tipos de texturas e assim se cria um padrão ideal, do cabelo perfeitamente belo, onde atualmente, dentro dos tipos de cabelo afros o preferido e mais exaltado são os que detém de cachos perfeitos e acrescentamos também de que não deveria existir um hierarquização de cabelo do tipo A,B,C ou D pois assim como o mundo em que vivemos não é homogêneo.

“Mulheres que possuem esse tipo de cabelo são mais propensas a acreditar no mito do cabelo “ruim”, ou cabelo “duro”, duas das formas discriminatórias pelas quais esses cabelos são chamados (MALACHIAS, 2007 apud SANTOS,2015). A grande parte de nossas

entrevistadas independentemente de terem recebido comentários negativos em relação a seus cabelos, o simples fato dele não ser um cabelo “fácil de lidar” as fez tomar a decisão de alisar.

Acreditamos que não deveria haver um padrão onde cada indivíduo tem o seu tipo específico de textura ou volume, marcado como 1A, 2B, 3C, pois acabou se criando assim uma hierarquia, pois os tipos de cabelo de fio liso são tipo 1A, B, C, os ondulados são do tipo 2 A, B, C, os cacheados são do tipo 3 A, B, C e os crespos ficam por último que são o tipo 4 A, B, C, “A principal crítica a estas campanhas é que elas ignoram a existência de outros tipos de cabelos crespos, estabelecem um novo padrão ideal a ser atingido, principalmente aqueles naturalmente não formam cachos abertos ou “perfeitos”, mais especificamente chamados de 4C” (SANTOS, 2015).

### **No terceiro capítulo da pesquisa será analisada como surge esse empoderamento crespo**

A palavra de ordem nesse último capítulo, encerra a fase de uma nova etapa das nossas entrevistadas. Se primeiramente tiveram que se descobrir e se aceitar esteticamente e emocionalmente, depois tiveram que se readaptar ao natural, ao que pertence à identidade negra fisicamente, que são os sinais diacríticos mais “chamativos”, nesse último capítulo elas dão poder a si mesmas sobre sua estética corporal. Como nos demonstra a entrevistada-7 – Vera Regina Rodrigues da Silva (50 anos, Brasileira, Professora Doutora em Antropologia na UNILAB) “*Desde que eu me percebo como negra eu desafio estereótipos... é um desafio constante*”.

Como vimos acima o ato de se empoderar começa tendo em conta a consciência sobre as suas origens tardiamente ou não no ensino superior (no caso aqui estudado) e assim dão poder a si mesmas e a seus corpos e cabelos numa sociedade onde os mesmos então “fora dos padrões”. O empoderamento não necessariamente é a fase final, para construções de personalidade e identidade, não exatamente existe uma norma ou um calendário, senão não seriam elas moldáveis. Porém nesse caso específico foi essa a lógica, ele serviu de base após a tomada de consciência como indivíduo negro e logo após a transição capilar, serviu para uma projeção maior indivíduo que se moldava à sociedade, impulsionando-o ao encontro do orgulho de exibir essa nova “juba” esse novo “eu”. “O conceito de empoderamento torna-se fio condutor desta nova discussão sobre afirmação estética onde o cabelo como signo de negritude deixa de ser um elemento negativo e se ressignifica na diáspora como impulsor do enfrentamento do racismo” (MATTOS, 2015).

As etapas vivenciadas pelas nossas entrevistadas não tiveram um regra, inclusive algumas tiveram que dar 2 passos para trás, antes de dar um passo grande para frente, pois como vimos, entre falar e vivenciar um corpo negro, existe um enorme abismo. “Mulheres que possuem este tipo de cabelo são mais propensas a acreditar no mito do cabelo “ruim”, ou cabelo “duro”, duas das formas discriminatórias pelas quais esses cabelos são chamados“ (MALACHIAS, 2007 apud SANTOS, 2015).

Assim como vimos no capítulo anterior, não necessariamente essas mulheres negras, se viam ou situavam como negras e empoderadas, mas hoje através da estética dos cabelos afros, as mesmas se empoderam, dado que no contexto onde elas se encontram inseridas houve não só uma necessidade de se situarem, começando por questionarem a si mesmas sobre “quem eu sou” e de “onde eu vim”.

E agora elas empoderam-separa o mundo e nesse ambiente acadêmico, pois é nesse meio onde se desenrolam acontecimentos que culminam nos conflitos interiores, que são as vivências de um novo “eu” estranho, e fora do padrão vivido nessa sociedade.

“Indivíduos ou grupos sociais não trazem dentro de si uma essência negra ou branca, mas as categorias podem ser ressignificadas conforme necessidade e contexto social“ (SCHUCMAM S/D apud FERNANDES et al, 2016).

É sobre esse contexto, onde uma fusão de indivíduos culturalmente diferentes e ao mesmo tempo compartilham similitudes, que os mesmos se unem e se empoderam. Esse processo é uma construção cotidiana e coletiva, mas, sobretudo é uma resistência individual e diária. ”O movimento de mulheres negras pelo empoderamento do cabelo crespo surge na contemporaneidade como um signo de apropriação de negritude anteriormente negado e silenciado pelo padrão branco de beleza“ (MATTOS, 2015).

Há uma necessidade de, para além de criar-se essa consciência sobre as suas origens, a necessidade de deixa-las falar mais alto através dos seus traços diacríticos aqui citados, pois para além de se aceitar mesmo estando fora dos padrões, essas mulheres continuam uma luta de décadas para exaltar o orgulho de uma raça secularmente inferiorizada e desvalorizada. ”É verdadeiro que as mulheres negras são socialmente desvalorizadas em todos os níveis inclusive esteticamente, como é verdadeiro também que as mulheres brancas constituem o ideal estético feminino em nossa sociedade“ (CARNEIRO, 1995 apud AGUIAR, 2015).

O ato de se empoderar é exatamente o dito “remar contra a maré”, é ser revolução, uma revolução crespa, onde o *Black Power* é lindo de se ver e exibir, hoje essas mulheres exibem o que socialmente foi construído como feio e desleixado sobre sua origem e identidade.

Ressaltamos aqui de forma ousada, que talvez esse ato de se empoderar através da estética dos cabelos crespos ou cacheados, é um dos maiores atos de rebeldia perante a sociedade e não só, que essas mulheres já tiveram, e que para cada comentário opressivo, negativo ou preconceituoso, a palavra de encorajamento é resistência:

O ativismo negro, por sua vez, busca a construção de uma identidade de resistência a qual é criada por atores que se encontram em posições\condições desvalorizadas e\ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeia nas instituições da sociedade. (CASTELLS, 1999 apud AGUIAR, 2015).

Então o meio de se afirmarem foi através do empoderamento crespo, que não poderia acontecer sem a ajuda da colega ou *Youtuber*, que também passou pela transição capilar, sem as resistências pessoais ao padrão, mesmo depois de reações negativas do “outro”, nem depois da vontade de alisar ter falado mais alto do que a consciência de que teria que voltar a ser “escrava da chapinha”, mesmo depois da segunda transição. Um dos meios essenciais para algumas assumirem o cabelo natural foi o grupo na plataforma *online* Facebook Afro-Unilab que conta com 324 membros que são na maioria estudantes da Universidade e já na descrição do grupo na página principal notamos a seguinte afirmação: *“Afro-Unilab é um grupo exclusivamente aberto e dedicado a todas as meninas da UNILAB e amigas que usam, tratam, mantêm e valorizam o Cabelo Natural (cabelo não transformado pelo uso de produtos químicos). O grupo Afro-Unilab é igualmente dedicado a todas as mulheres que mesmo usando tissagem ou tranças com extensões, mantêm o cabelo Natural”*. Usa-se então a plataforma *online* para além de darem um suporte às colegas ou amigas que estão a passar pelo mesmo processo de libertação dos processos químicos no cabelo afro, para o diálogo sobre assuntos relacionados ao indivíduo negro na academia e em sociedade, que nem sempre é pauta no dia a dia da universidade servindo assim como uma ferramenta política, pois esse ato de resistência a padrões impostos pela nossa sociedade, acaba sendo outro espaço de luta (só que agora virtual) e assim um importante contributo como ato político só que a nível virtual. Elas hoje resistem e continuam se empoderando através da estética dos cabelos, e se tornaram mais críticas em relação a outros assuntos como por exemplo o feminismo. Como nos afirma a entrevistada -6 Ivonizete Araújo de que a mesma tinha de acordar de madrugada todos os dias para lavar os cabelos e com a água escorrendo, passar a “chapinha” (prancha alisadora que altera a textura do cabelo pelo calor

extremo) e que se sentia “escrava da chapinha”, caso não o fizesse o cabelo não ficaria “comportado”.

Sem a palavra representatividade o caminho traçado teria sido bem mais doloroso e conturbado, num mundo onde existem mais bonecas brancas de pele clara, olhos azuis ou verdes, cabelos lisos na grande maioria loiros, quase nenhuma delas teve a oportunidade de ter uma boneca de pele escura e cabelos crespos, iguais a maioria das nossas protagonistas. Pode nos parecer algo banal, mas numa sociedade onde o indivíduo não se sente representado, raramente ele terá orgulho de si mesmo, principalmente porque tudo o que remete a si ou a sua origem é negativo, pejorativo e carregado de estereótipos racistas.

O contraste da identidade construída se dá também em oposição à imagem de uma criança de tranças feita pela mãe para disfarçar o volume, ou a da adolescente envergonhada pelo cabelo herdado de uma raça “ruim” [...] o cabelo natural é uma forma de negar as identidades anteriores, construída para satisfazer mais a imagem que o “outro” terá do “eu” do que a existência de uma relação de equilíbrio entre o “eu” e o “outro”. (AGUIAR, 2015)

Nessa nova etapa então, não mais será preciso agradar ao “outro”, essas mulheres entendem que para além de quebrarem estereótipos e preconceitos em torno a sua raça e traços diacríticos há uma enorme necessidade de “parar de agradar” aos “outros” e deixar de “preencher os requisitos” que a sociedade nos impõe a partir do momento que habitamos um corpo negro. “O passado não nos ensinou a respeitar e amar o negro e o mulato como nossos irmãos. Ensinou-nos o oposto“ (FERNANDES, 2007).

Essa é então a essência da palavra empoderamento, quando se atribui uma força interior para fazer face as implicações que nos são atribuídas socialmente. Se antes esse indivíduo pensava como a sociedade lhe inculcou, de forma negativa, sobre si e tudo o que remete a sua origem, hoje esse indivíduo negro, mostra que nem sempre as construções sociais são verdadeiras ou têm necessariamente que ser seguidas “a subjetividade do negro é marcada por uma neurose capaz de gerar uma alienação da sua condição de sujeito negro, levando-o a pensar no mundo dos brancos“ (FERNANDES et al, 2016).

Nessa nova fase então as nossas protagonistas se afastam ao pensamento do branco, pensamento esse euro centrado. Insistimos em lembrar que esse processo, sendo coletivo, começa de forma individual, procura-se antes no meio familiar “forças” para dar um suporte emocional a essa longa jornada.

Nas fases anteriores citadas, foi essencial a ajuda emocional por parte das pessoas mais próximas que fazem aparte do meio familiar e não só, pois como vimos, não é tão fácil lidar com os comentários e olhares desencorajadores ou julgamentos, independentemente do espaço frequentado, e onde há um suporte emocional por parte dos familiares e amigos mais próximos, mais fácil é esse processo.

Uma das frustrações no meio desse processo é lembrar que muitas dessas mulheres no momento do seu *Big Chop*, durante a transição ou após assumirem os cabelos naturais, lidaram com desaprovações de homens, no caso estudado aqui, foi a desaprovação de homens africanos, quer sejam eles amigos ou companheiros ou os ditos “paqueras”. “A não atribuição de beleza a mulher negra tem como resultado a sua rejeição pelos próprios homens negros que quando ascendem socialmente, vão procurar as mulheres brancas como companheiras, marcando uma ostentação de poder“ (CARNEIRO, 1995 apud AGUIAR, 2015). O incentivo em manter o cabelo natural sem química, por parte dos companheiros de nossas entrevistadas deu-se de forma positiva, na grande maioria, onde os mesmos as incentivavam e ajudavam a passar por essa fase conturbada, como nos demonstrou a entrevistada- 9 Luisiane Silva, de que o seu marido sempre a apoiou e a ajudou durante a sua transição capilar.

Verificamos aqui o quão está enraizado o pensamento do europeu sobre os indivíduos negros ao ponto dos mesmos, para além de se odiarem esteticamente, de também reproduzirem ideologias racistas de que a beleza da mulher mora na pele branca de cabelos lisos. “O ideal de branqueamento conduz alguns negros ao paradoxo instalado em suas subjetividade – a desejar tudo aquilo que representa a sua negação, ou seja, a brancura“ (FERNANDES et al, 2016).

Que os atos desse movimento não seja mais um evento isolado, que cada ato individual dessas mulheres toquem o pensamento de cada pessoa indiferente à causa de uma comunidade Negra, Africana, Afro-brasileira, Feminina e empoderada que em luta há séculos para se afirmar de forma positiva onde, só se encaixa o padrão eurocêntrico. Que para cada mulher que pensar em desistir da transição a outra lhe inspire e que ambas empoderem outras mulheres, pois como nos explicaram as autoras (FERNANDES et al, 2016). “O que nos leva a insurgir esteticamente está no confronto do olhar do outro sobre nós; olhar impregnado de um juízo de valor estético pautado no padrão branco”.

A partir do momento que decidimos não mais abaixar o volume dos nossos cabelos estamos assumindo um novo comportamento – uma postura crítica e efetivamente uma estética afirmativa“ (MATTOS, 2015).

Assim continua a luta dessas mulheres perante todos os questionamentos, hoje elas nos transmitem uma postura firme perante o padrão vigente e fazem da luta coletiva um meio de trazer outras colegas para esses lugares onde anteriormente não eram bem-vindas e dando continuidade a luta pela aceitação de sua identidade através da estética dos cabelos afros.

## 10. CONCLUSÃO

Vimos através desse trabalho que o método atualmente usado para afirmar a identidade negra, por mulheres que se identificam como tal, cada vez mais é pela estética dos cabelos afros. A UNILAB por ter a peculiaridade de, num mesmo espaço acadêmico ter cidadãos de várias nacionalidades convivendo dia a dia, numa fusão de culturas, raças e ideologias, nos mostrou ser o lugar ideal para o despertar sobre a consciência identitária. E assim ter dado início a todo um trabalho para a afirmar-se como pertencente as raízes afrodescendentes através dos cabelos, pelas mulheres que ainda não tinham tido esses questionamentos anteriormente à Universidade.

Esse ambiente também nos mostrou que o fato de existirem mulheres negras em todo e qualquer canto do mundo, independentemente da cultura em que estiverem inseridas, várias dividem a mesma realidade no que toca os conflitos e angústias em relação a sua estética corporal, com uma ênfase nos cabelos afros.

Independentemente do lugar de onde as mesmas vieram, nos mostraram a partir desse trabalho, que o Capitalismo e a Globalização, ainda carregam as marcas ideológicas do colonizador branco, que nada mais é o padrão vigente até o ano atual de 2017, que é um padrão eurocêntrico de que a beleza da mulher mora num corpo branco, de pele clara, cabelos lisos e de olhos claros.

É de se ressaltar que as lutas aqui traçadas dão continuidade a lutas que há séculos se traçam em vários cantos do mundo com o objetivo de afirmar a identidade negra através de sua estética e não só pelos seus protagonistas.

O empoderamento que essas mulheres buscam aqui, é o mesmo que vários outros protagonistas negros buscaram anos atrás. Esse empoderar-se é nada mais do que um ato de resistir perante um mundo padronizado onde esse indivíduo não se enquadra, é um ato de quebrar essas mesmas barreiras racistas e um ato de mostrar que a sua identidade é sim digna de ser apreciado na sua forma natural.

Esses indivíduos negros que sempre sofreram com o estigma que envolve o seu corpo cor e raça hoje são guerreiros negros, conscientes, intelectuais, que buscam no ambiente acadêmico e fora, espaço, respeito e reconhecimento.

Que essas lutas que não são um evento isolado, que não sejam um ato passageiro, pois como vemos aqui os seus passos vieram de longe. Que para cada mulher empoderada suas descendentes possam ser conscientes de suas origens e que possam ter um poder de

escolha. Esse poder de escolha, esse empoderar-se hoje só lhes é permitido porque alguém lá atrás “fez frente” a padrões preconceituosos e racistas.

Se hoje debatemos esse tema numa Universidade Federal onde atualmente vem aumentando o número de mulheres negras é devido a força que cada uma mulher lá atrás teve, de enfrentar um sistema educativo opressor. Se hoje se tem o direito de escolher entre alisar ou encrespar é porque outras mulheres quebraram paradigmas sociais de que essa estética preta é inferior, desprezível ou desleixada.

É com um balanço positivo que vemos que as lutas diárias dessas mulheres negras, quer sejam elas Afro-brasileiras ou Africanas, não têm sido em vão, assim como “uma foi subindo” e “levando a outra” a se soltar e dar poder a si mesma sobre uma imposição social, e por isso há cada vez mais caloiros de cabelos afros a vir para a UNILAB.

Assim as mesmas irão continuar a dar às futuras gerações o poder de escolha independentemente da sociedade em que elas se encontrarem. Que a partir desses questionamentos sobre identidade, nos continue guiando para mais debates críticos e coletivos sobre uma comunidade que luta para se afirmar todos os dias e horas.

Pois como vimos aqui é um ato de resistência e é uma luta que esse sujeito vê obrigado a traçar dia após dia para ter o seu espaço na sociedade.

Que se veja na transição capilar o quão se torna livre um indivíduo anteriormente reprimido devido a sua cor e raça, numa sociedade onde a partir da cor não se “olha a quem” ferir devido a ideologias racistas existentes. Que esse ser que transita entre mitos e limitações sobre sua identidade e a sua própria verdade, possa mostrar à sua sociedade que a base da vida é a sua paz consigo mesmo independentemente das implicações sociais.

Questionamo-nos assim porque a mídia fecha os olhos a situações lamentáveis sobre todo um grupo social que por ter nascido num corpo negro é-lhe atribuído limitações e continua a reproduzir ideologias euro centrada perante essa comunidade estereotipando-o pela sua raça.

A sociedade que vivemos independentemente do canto do mundo que estivermos, tem estado a distorcer não só as lutas desses indivíduos negros como se apropria delas e inferioriza, ou tira proveito, pois hoje em dia questões como essas são vistos como “mimimi” ou “moda”.

As nossas protagonistas aqui referidas são guerreiras, numa sociedade cheia de limitações pessoais e corporais que o indivíduo negro tem, elas se libertam de mentes colonizadas que sempre as moldou perante o que se vê como sendo o adequado, ideal, perfeito e belo.

Essas mesmas guerreiras, que hoje se guiam pelos passos de rainhas africanas e ativistas e/ou intelectuais negras também são seres imperfeitos. A perfeição desses indivíduos é o equilíbrio entre seus conflitos e angustias perante “o espelho” e perante os “olhares do outro” e suas lutas traçadas, marcadas por trajetórias pessoais que se igualam a uma coletividade negra.

Independentemente de se ter tornado um indivíduo negro consciente somente no ensino superior, de se ter hesitado ou pensado em desistir da transição capilar, de se ter “odiado” a textura de seus fios capilares por muitos anos, ou de se ter desejo ter o cabelo liso da colega, essas mulheres nos mostram que pelo simples fato de resistirem e quebrarem barreiras sociais, elas são a sua própria revolução.

Elas questionam o sistema que “caracteriza e estratifica com critério racial”. Elas vencem os olhares preconceituosos, racistas e maldosos. Tentam se apoiar umas nas outras para cada dúvida ou hesitação. Elas nos mostram que elas são a própria mudança sempre que se sentirem acorrentadas num mundo que insiste em querer parecer homogêneo. Elas precisam ser a própria certeza para a próxima geração, pois se hoje elas sofreram menos do que as suas antepassadas, é porque alguém não se calou perante as injustiças. Elas são um grito de liberdade onde há muito tempo se silencia. Elas são a própria voz “porque os nossos passos vem de longe!”.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Taís R de. **Cacheadas em transição: a construção identitária em uma comunidade virtual**, 2015.

Black is beautiful, disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Black\\_is\\_beautiful](https://pt.wikipedia.org/wiki/Black_is_beautiful), acesso em 04/10/2017.

CRUZ, Cintia Tamara pinto de; FIGUEIREDO, Ângela Lucia Silva. **Cabelos mágicos: identidade e consumo de mulheres afrodescendentes no Instituto Beleza Natural**, 39º Encontro Anual da Anpocs, S/D.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**, Global Editora, 2ª Edição. Revista – São Paulo, 2007.

FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecilia Cortez Christiano de. **Identidade Negra entre exclusão e liberdade**. Rev. Inst. Estud. Bras. [online]. 2016.

FIGUEIREDO, Ângela. **Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada: Identidade, Consumo e Manipulação da Aparência entre os Negros Brasileiros**, XXVI Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais Caxambu, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a Raiz: Corpo e Cabelo como símbolos da identidade negra**, Autentica Editora, Edição 2,2, 2007.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Revista Brasileira de Educação, 2002.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. **Estética Afro-diaspórica e o Empoderamento crespo**, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II - Alagoinhas – BA, Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, 2015.

Movimento Black Power e Ângela Davis Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/black-power-instrumento-de-resistencia-e-cultura>, acesso em 03/08/2017.

SANTOS, Ana Lucia da Ressurreição; CONCEIÇÃO, Milena Barbosa; BRITO, Dayane. **Cabelo, Cabeleira, Cabeluda, Descabelada: A importância do cabelo na construção da identidade da raça negra**, III EBE CULT, III Encontro Baiano de Estudos em Cultura, S/D

Kathleen Cleaver Black is beautiful: [https://www.youtube.com/watch?v=94ojuRFg-\\_0](https://www.youtube.com/watch?v=94ojuRFg-_0)

Afro-unilab : <https://www.facebook.com/groups/856387621071867/>